

2

Edição
2013.2

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório
da Faculdade
de Comunicação
da UFBA



Daniele Rodrigues | LabFoto

Programa incentiva a permanência de estudantes afrodescendentes na UFBA

OBITUÁRIO • PÁGINA 16
Adeus ao vestibular

SAÚDE • PÁGINA 13
Eleição para diretor do
HUPES é anulada

FILOSOFIA • PÁGINA 10
Projeto discute filosofia
através do cinema

PARA NÃO SE PERDER...

COTIDIANO
PÁG. 03

FACOM
PÁG. 04

COTIDIANO | BIOLOGIA
PÁG. 05

COTIDIANO
PÁG. 06

POLÍTICA
PÁG. 07

CIDADANIA
PÁG. 08 E 09

FILOSOFIA | SAÚDE
PÁG. 10

FACOM
PÁG. 11

EDUCAÇÃO
PÁG. 12

SAÚDE
PÁG. 13

COTIDIANO
PÁG. 14

TECNOLOGIA
PÁG. 15

OBITUÁRIO
PÁG. 16

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EDITORIAL



Foto: AgnesCajaliba | LabFoto

Negra Cor

A segunda edição do nosso JF propõe uma reflexão sobre os desafios a serem ainda enfrentados rumo ao estabelecimento de uma sociedade verdadeiramente igual em oportunidades e livre de preconceitos. Em matéria de capa, nossas repórteres Karen Monteiro e Gabriela Cirqueira entrevistaram representantes e membros de organizações e projetos cujo trabalho se pauta na valorização da identidade negra. Para quem ainda não acredita, o vestibular da UFBA morreu. Fizemos um obituário diferente onde estudantes recordam experiências vividas para passar pelo extinto processo seletivo. Destacamos as dificuldades enfrentadas por alunos e servidores que passam diariamente pelas sinaleiras entre a Faculdade de Medicina e a Escola de Administração da UFBA. Segurança nos laboratórios da universidade e a presença no Parque Tecnológico da Bahia, através de ações voltadas para a formação acadêmica e o desenvolvimento científico, também estão em pauta nesta edição, além de muitos outros conteúdos especialmente preparados para você. É só virar a página e boa leitura!

Antonio Fernando Barros
Redação JF

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
(Semestre 2013.2) - Segunda edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores: Antonio Fernando Barros, Bruno Rubeiz, Marina Baruch, Michele Vivas, Sonia Rauédys e Ygor Bahia

Edição de fotografia: Milena Abreu

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Eudfba

Diagramação: Matheus Ferreira / Eudfba

Repórteres (turma 2013.2):

Ailma Teixeira, Alana Caiusca, Anderson Ramos, Antonio Fernando Barros, Bruna Andrade, Bruno Rubeiz, Caíque Bouzas, Camila Fiuzza, Danilo Pestana, Diogo Costa, Fernanda Nery, Gabriela Cirqueira, Isadora Sodrê, Jéssica Alves, Karen Monteiro, Layla Neiva, Mariana Sales, Mariana Trindade, Marília Campos, Marina Baruch, Michelle

Vivas, Milena Abreu, Naira Diniz, Natália Arjones, Sonia Rauédys, Suely Alves, Thaís Ribeiro, Thamires Santos, Vilma Martins e Ygor Bahia

Fotografos

Bruno Santos -LabFoto, Agnes Cajaíba-LabFoto, Matheus Piraja-LabFoto, Ananda Ikishima-LabFoto, Natalia Arjones, Daniel Silveira-LabFoto, Riuth Hirt-LabFoto, Naiana Ribeiro-LabFoto, Taylla de Paula -LabFoto, Nelson Cerino-LabFoto

Ilustração

Ciro Moreira

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

[f facebook.com/jornaldafacom](https://www.facebook.com/jornaldafacom)

Estudantes da UFBA criam aplicativo para compartilhamento de carona e táxi

Aplicativo Vumbora procura pessoas que tenham trajetos comuns

Fernanda Nery
Marina Baruch

Facilitar a vida de quem precisa de caronas e de compartilhamento de táxi é a proposta do Vumbora, aplicativo gratuito multiplataforma criado por Carolina Costa, André Argôlo e Carlos Strand. Os três estudantes da UFBA enxergaram no projeto uma forma de amenizar o problema da mobilidade urbana. Através de um cadastro prévio, o aplicativo procura pessoas que possam ter caminhos em comum, de acordo com três modalidades: oferecimento de carona, pedidos de carona e compartilhamento de táxi.

A ideia surgiu quando Carolina Costa, estudante de Engenharia de Produção, percebeu a necessidade de aliar o problema da quantidade reduzida de vagas nos estacionamentos com o fato de que algumas pessoas percorriam trajetos comuns. “Eu percebia que tinha muitos amigos meus que vinham do mesmo lugar, nos mesmos horários e eles não se comunicavam”, comenta. Para tornar o projeto realidade foram necessárias pesquisas de mercado e a participação de dois estudantes de Ciência da Computação, Carlos Strand e André Argôlo, que amadureceram a ideia através de uma tecnologia digital para dispositivos móveis.

Na primeira etapa de implementação o aplicativo só estará disponível para os estudantes da UFBA. Mediante parceria com o Centro de Processamento de Dados (CPD) da instituição, os dados dos alunos são confirmados através do número de matrícula, o que torna o transporte mais seguro. Além disso, a dinâmica de funcionamento do Vumbora permite outros processos de filtragem. “Há uma rede colaborativa, em que os próprios participantes podem dar uma nota para cada usuário com o qual interagiu pessoalmente, para que no futuro outros possam ver a reputação dele e avaliar se querem pegar ou lhe dar carona”, explica André Argôlo. Para Carolina, realizar o login pelo Facebook acaba sendo o principal mecanismo de filtragem, pois as pessoas também podem selecionar apenas usuários que são seus amigos na rede social ou que possuem amigos em comum.

A confiabilidade e a segurança são fatores importantes para que os usuários se sintam à vontade para aderir ao aplicativo. Lucas Ayres, estudante de Ciência da Computação, acha que hoje em dia

é complicado pegar carona com uma pessoa desconhecida. “Eu só pegaria carona com uma pessoa conhecida minha ou de algum amigo”, afirma. No entanto, ele se diz tranquilo em relação ao sistema de verificação de identidade estudantil que foi criado pelos idealizadores do Vumbora. “Eu confio no sistema. Ele vai verificar todas as informações que estão no banco de dados da UFBA com as que estão no aplicativo”, explica. Para que os valores sejam divididos igualmente entre as pessoas presentes no carro, o aplicativo calcula automaticamente o valor que cada um deverá pagar pelo trajeto.

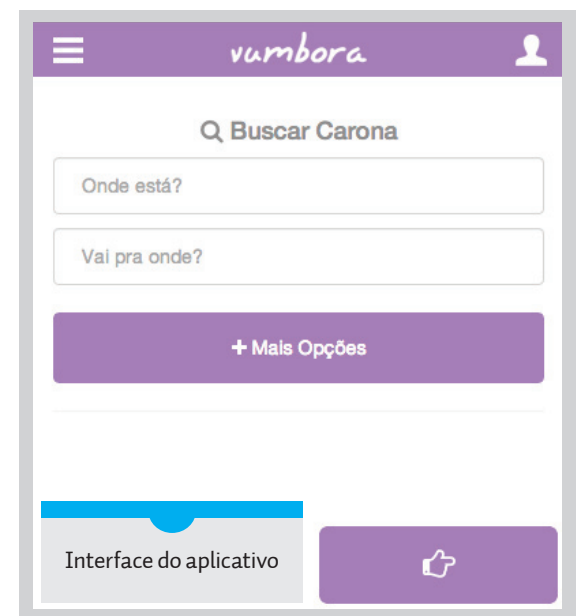
Turismo também

Além de conseguir carona ou economizar na hora de pegar um táxi, alguns alunos da universidade veem outras vantagens no uso do aplicativo. É o caso de Ítalo Lira, estudante de arquivologia,

“Eu percebia que tinha muitos amigos meus que vinham do mesmo lugar, nos mesmos horários e eles não se comunicavam” -
Carolina Costa, idealizadora do aplicativo.

que acha que o Vumbora pode ser uma boa oportunidade para fazer novos amigos e arranjar companhia até para viagens. “Gosto de fazer trilhas e poderia pegar carona para essas viagens com alguém cadastrado no aplicativo. Nem sempre meus amigos querem viajar e também seria bom para economizar”, diz.

O Vumbora foi lançado em janeiro deste ano e está disponível apenas para estudantes da UFBA, inicialmente. No entanto, a previsão é de que após o primeiro mês de funcionamento o aplicativo seja disponibilizado para o público geral.



Carlos Strand, André Argôlo e Carolina Costa, criadores do Vumbora

Foto: Ananda Ikishima | LabFoto

FacomSom: Faz com arte, faz com ritmo

Cascadura, bandas independentes e fotografia fizeram parte do FacomSom



A banda Cascadura lotou o Largo Pedro Archanjo

Michelle Vivas
Milena Abreu
Ygor Bahia

A banda Cascadura atraiu centenas de pessoas à Praça Pedro Archanjo, no Pelourinho, durante o FacomSom, no dia 16 de novembro passado. Produzido por alunos da Faculdade de Comunicação, o show buscou a valorização da música alternativa e independente, levando ao palco as bandas Ricardo Caian e os Beduínos Gigantes e Quirda, além de Cascadura.

Atrações

A primeira banda a se apresentar foi a Quirda, às 18h, com um público reduzido. Em seguida, Ricardo Caian e os Beduínos Gigantes subiram ao palco trazendo um repertório diferente, misturando rock com arrocha e outros ritmos baianos. Mas a grande atração da noite foi a banda Cascadura que, além de atrair o público para a frente do palco, interessou pessoas que não os conheciam, enchendo o Largo.

Outra atração convidada foi o Varal Itinerante, exposição fotográfica exibida na entrada do evento. Penduradas em uma corda e presas por pregadores, as fotografias do artista Rodrigo Fiuza abordavam as manifestações políticas em Salvador no mês de junho deste ano e o cotidiano da Chapada Diamantina.

Para Antônio Alma, aluno do Bacharelado Interdisciplinar de Artes, o show foi uma oportuni-

dade de conhecer bandas novas. “Cascadura é uma banda boa, mas gostei muito das letras dos Beduínos”, opina. Camila Araújo, aluna de Direito da UFBA, achou que o evento deixou a desejar. “Apesar de ter visto vários sites divulgando o evento, é estranho que esteja tão vazio”, notou acerca da falta de público no começo do show. Ao final da noite, o evento reuniu cerca de 400 pessoas.

“O show valorou a música alternativa e independente”

Música e fotografia

As bandas Quirda e Ricardo Caian e os Beduínos Gigantes concorreram com outras 23 candidatas em um edital organizado pela Produtora Jr. da Facom. Os grupos mandaram suas propostas e, junto com uma banca julgadora, a Produtora escolheu quem iria se apresentar.

O FacomSom faz parte de um dos poucos eventos que optam por tocar rock independente em Salvador, inovando na escolha por edital. Além do FacomSom, a única oportunidade em Salvador para as bandas alternativas se apresentarem para um grande público é o Festival de Rock que acontece anualmente todo dia 13 de julho, Dia do Rock.

O evento também planejou um edital de fotografia do qual foram selecionadas duas fotos de Patrick Silva, expostas junto com outras manifestações artísticas do evento.

Expulsos da UFBA

O FacomSom acontece pela segunda vez fora da universidade. Durante o evento, membros do Coletivo Kizomba faziam campanha a favor da revogação da Portaria nº 280/2008, que proíbe atividades na universidade após as 22h. O líder da banda Ricardo Caian e os Beduínos Gigantes se manifestou, após a sua apresentação, sobre a descaracterização da festa universitária, feita em outro local. “Em um evento dentro da universidade, o clima do público seria outro”, lamenta Ricardo.

Para Fábio Cascadura, o local não fez diferença. Acostumados a tocar no Pelourinho, ele diz que foi a primeira vez que a banda se apresentou em um evento universitário. “Achamos massa tocar para um público de universidade, pois interagimos com novos produtores”. Para a Banda Quirda, tocar no FacomSom foi uma novidade, pois essa foi a segunda apresentação deles em um ano de existência.

ACCS – Hortas Urbanas da UFBA realiza parceria com ONG no Calabar

Disciplina procura conscientizar crianças sobre uma alimentação mais saudável e ensina-las a plantar verduras e frutas orgânicas

Isadora de Sodré Chaves
Thamires Santos

A disciplina Hortas Urbanas, associada a um projeto de extensão universitária, está implantando canteiros móveis no bairro do Calabar, juntamente com as crianças da Organização Não Governamental (ONG) Avante, além de manter uma horta orgânica ao lado do restaurante universitário da UFBA. No semestre passado, o projeto trouxe essas crianças para visitar a UFBA. Elas fizeram uma visita à horta e receberam palestras em sala de aula. Também ganharam um lanche saudável no restaurante universitário.

Segundo a orientadora do projeto, a professora da Faculdade de Biologia da UFBA, Josanídia Santana, “a ligação com o Calabar nasceu do interesse dos próprios estudantes. Um grupo de alunos que acompanham a disciplina tem contato com a ONG Avante, que desenvolve projetos com a comunidade”, conta.

A organização realiza trabalhos voluntários com 30 crianças. Nas quartas e sextas-feiras, elas participam de tarefas e brincadeiras na praça dos Jovens Unidos do Calabar (JUC). De acordo com a psicóloga da Avante, Ivanna Castro, a parceria com a Universidade ajuda a conscientizar as crianças e a comunidade sobre a importância dos cuidados alimentares. “O projeto Hortas Urbanas trouxe uma nova cultura e promoveu um grande impacto na vida dos moradores. Mostrou a eles um mundo melhor, começando pela produção de alimentos mais saudáveis e preservação do meio ambiente”, relata a psicóloga.

Dificuldades financeiras

O projeto Hortas Urbanas teve seu início a partir da produção de compostos advindos do lixo orgânico. Decorrente dessa atividade, foi criada a Usina Experimental de Compostagem, que tem por finalidade trabalhar a questão do lixo urbano, sua destinação e aproveitamento.

A atividade de extensão (hoje denominada Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade – ACCS) é financiada através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), porém os recursos que seriam destinados para este fim, são repassados com atraso.

Juliana Lima, monitora da disciplina, utilizou o próprio dinheiro para comprar as ferramentas necessárias para manutenção da horta. “A disciplina precisa de investimentos financeiros para funcionar, mas até o momento não recebemos nenhum. A compra de ferramentas e sementes foi custeada por mim. Além disso, a minha bolsa só irá ser efetivada após a liberação da verba originada da PROEXT para o ACC”, esclarece a monitora. Consultada, a PROEXT informou que houve atrasos nos repasses de verba nesse semestre e que o auxílio financeiro seria efetivado no começo de dezembro.

Tinha uma sinaleira no meio do caminho

Sinaleira desregulada prejudica a vida de estudantes da UFBA e tem repercussão em rede social

Bruna Andrade
Camila Fiuza

As sinaleiras que ligam o ICS/Faculdade de Medicina (FAMED) à Escola de Administração (EAUFBFA) e Faculdade de Educação (FACED) no Vale do Canela, estão desreguladas e a maioria dos alunos, que já sofrem com a demora do transporte público, correm o risco de serem assaltados ou são obrigados a atravessar no meio dos carros. “Essa sinaleira não é de Deus”... “Quando chegarmos na sala, não vai ter mais lugar pra sentar...”, são algumas frases ouvidas durante o tempo de espera. Não é difícil encontrar pessoas que perderam provas por terem que esperar de 5 a 10 minutos (como já foi cronometrado) para o sinal fechar.

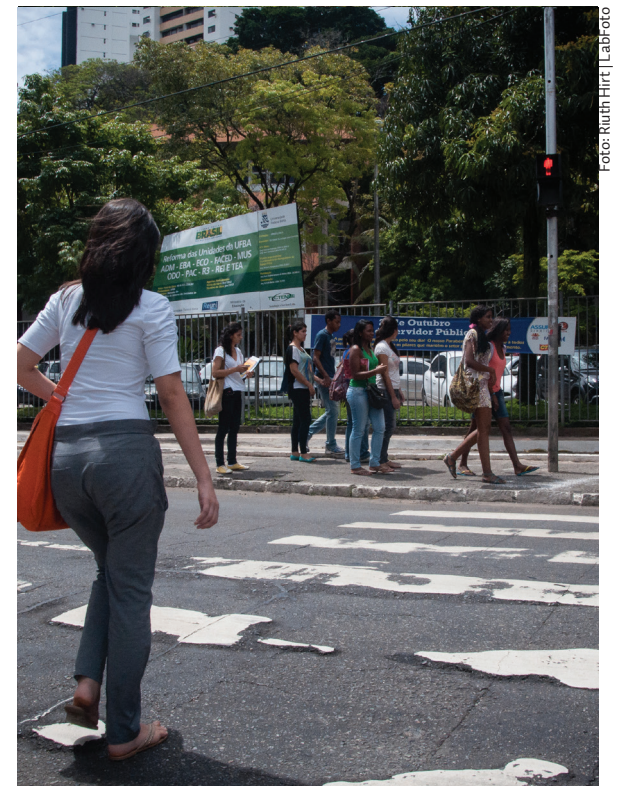
Foi aí que o estudante do 6º semestre de Administração e presidente do D.A (Diretório Acadêmico), Alison Klener, resolveu reclamar da sinaleira numa rede social. A publicação recebeu mais de 400 curtidas e mobilizou o DCE, levando-o a discutir essa pauta. “Tive a ideia de publicar no grupo da

UFBA, porque lá eu poderia mobilizar mais pessoas. Mas não queria que fosse só virtual”, diz. Apesar de alguns alunos terem reclamado, a Transalvador, através de sua gerência de sinalização, diz não ter registro de queixa sobre a sinaleira e que o problema será verificado pela equipe do órgão.

EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO

“Você não foi estudante da UFBA? Não sabe que estamos no sol quente querendo passar?” Essa é uma brincadeira que os estudantes fazem com os motoristas que passam pelo local. Mas nem todos se importam.

D. Regina, 80 anos, é funcionária aposentada da UFBA, mas ainda trabalha na Escola de Administração há mais de 40 anos. Tendo que atravessar a pista todos os dias, ela diz que a educação dos motoristas baianos ainda precisa melhorar. “Eles não têm o menor respeito. Quando veem que precisamos atravessar, aí é que enfiam o pé no acelerador”, afirma.



Segurança nos laboratórios, aqui tem?

Problemas são encontrados em laboratórios de ensino e pesquisa da UFBA

Alana Caiusca

Jéssica Alves

As normas de segurança laboratorial são de fundamental importância para as universidades. Os laboratórios de ensino e pesquisa precisam de frequentes fiscalizações e devem oferecer proteção porque, em geral, as atividades realizadas apresentam riscos à saúde. Entretanto, relatos de quem lida diariamente com esta situação na UFBA indicam uma realidade diferente.

Valdinei Sales, mestre em Química, atua em quatro laboratórios de pesquisa da Escola Politécnica e aponta que saídas de emergência, por exemplo, são um problema geral. “Aqui no prédio não temos, e isso não é um problema apenas da Politécnica, mas da universidade como um todo. Há um projeto de saídas de emergência nos andares, mas está em fase de aprovação”, afirma.

A ausência de portas de saídas para necessidades de evacuação em laboratórios da UFBA é um fato também encontrado no PAF VI, segundo o es-

tudante do 2º semestre de química, Elton Bernardo. Falta de ventilação bem como pisos e bancadas inapropriados são outros problemas recorrentes. “Nunca ocorreu nenhum acidente comigo, mas temo a ocorrência de algum em grande escala, porque há inúmeros problemas estruturais”, conta.

Buscando encontrar alternativas, estudantes têm elaborado manuais sobre segurança. Um exemplo é o Manual de Biossegurança organizado pelos alunos de graduação do Instituto Multidisciplinar em Saúde da UFBA. Entre as informações disponibilizadas, orientações quanto aos múltiplos riscos encontrados nos laboratórios e dados sobre os acidentes mais comuns, que são quebra de peças de vidro, incêndios e queimaduras.

Falhas produziram incêndio

Em 21 março de 2009 na UFBA ocorreu um incêndio no 5º andar do Instituto de Química, atin-

gindo vários laboratórios de ensino e pesquisa do Departamento de Físico-Química. O prejuízo financeiro chegou a milhões de reais e docentes e estudantes perderam documentos de pesquisas. Segundo o laudo pericial do Ministério Federal na Bahia, o incêndio se deu por falha no funcionamento do forno situado no 5º andar, a causa provável foi a dilatação térmica dos componentes metálicos que ocasionou a saída do calor para o ambiente externo. O Ministério da Educação - MEC aprovou recursos no valor de R\$ 14 milhões para reposição dos equipamentos destruídos, para reconstrução do prédio e construção de um anexo para os laboratórios de graduação. Atualmente alguns funcionários estão situados no PAF VI enquanto a reforma não é finalizada.



Matheus Pirajá | LabFoto



Matheus Pirajá | LabFoto

Jean Wyllys: por uma pluralidade de vozes

Contra a monopolização da grande mídia e a favor da democratização dos meios de comunicação, Jean Wyllys discursou na UFBA em novembro

Sonia Rauédys
Caíque Bouzas

Sabe a sensação de voltar às suas origens? No dia 1 de novembro, a UFBA recebeu um de seus ilustres alunos. Uma visita rápida, é claro, mas deu para matar a saudade. O deputado federal Jean Wyllys (PSOL/RJ), baiano e formado em jornalismo pela FACOM, participou da palestra sobre as manifestações sociais e democratização dos meios de comunicação. Ele estava visivelmente emocionado ao retornar, após 15 anos, para o ambiente em que se graduou.

A vida de Jean está atrelada à militância em prol das minorias, da justiça social, da educação e em favor das liberdades civis. Eleito deputado federal em 2010, publicou três livros. Hoje, além da carreira política, atua como professor em duas universidades do Rio de Janeiro e é colunista da revista Carta Capital. Ele confessa que sua participação na 5ª edição do reality show Big Brother Brasil, da Rede Globo, destoa de sua história de vida. Quando questionado, justifica-se assumindo ser fã da cultura de massa.

Jean Wyllys iniciou a discussão destacando o embate entre imprensa e manifestantes, que desde junho do ano passado foram às ruas protestar. O reclamo partiu da mobilidade urbana e depois, por uma sucessão de insatisfações compartilhadas pela sociedade. Ele comentou sobre a violenta repressão policial (a princípio legitimada pela grande mídia) e a respeito da cobertura alternativa que as manifestações receberam (através das redes sociais).

O deputado demonstrou preocupação com alguns vieses ideológicos das manifestações. Diz perceber inclinações de cunho fascista em atos, como no espancamento e expulsão de militantes e a queima de bandeiras de partidos. Ele também acredita que as ruas e redes sociais foram palcos de preconceitos contra políticos.

Jean avaliou o tratamento da imprensa ao longo das manifestações, no começo, vistas como baderna e os manifestantes como vândalos. Segundo ele, em um primeiro momento a mídia agiu como a principal “demonizadora” dos atos mas, após um

tempo, as repressões não ficaram apenas restritas aos manifestantes. Os jornalistas também começaram a sofrer com as represálias policiais e, a partir daí, a imprensa hesitou em defender as ações da

Elogiou o papel das redes sociais que conseguem propagar democraticamente informações o que permite a pluralidade de vozes

polícia.

No que tange à questão da democratização dos meios de comunicação, Jean critica a concentração monopólica da mídia. Elogiou o papel das redes sociais que conseguem propagar democraticamente informações, o que permite a pluralidade de vozes. O acesso e a produção de informação não estariam mais restritos à grande mídia, avaliou. Ele ainda associa essas coberturas populares com a máxima proferida por Julian Assange, fundador do Wikileaks,

“privacidade para os fracos, vigilância aos fortes”.

O deputado finalizou defendendo o Marco Civil da Internet (projeto de lei que visa consolidar os direitos, deveres e princípios no desenvolvimento e utilização da internet no país), relatado pelo deputado Alessandro Molon (PT/RJ). Jean apoia os princípios de neutralidade da rede, privacidade e liberdade de expressão. O Marco Civil preza pela isonomia entre os internautas - permitindo o acesso democrático às informações online-, a segurança dos dados - para que não sejam armazenados pelas empresas de telecomunicações - e pela remoção de conteúdos apenas por mandatos judiciais, proibindo a retirada arbitrária de informações pelos provedores.

Segundo ele, em um primeiro momento a mídia agiu como a principal “demonizadora” dos atos



Bruno Santos | Labfoto

CEAO, CEAURO e MAURO na luta pelos direitos e memória dos povos negros brasileiros

UFBA reforça suas ações afirmativas para inserção e identificação de negros e negras na universidade

Karen Monteiro
Gabriela Cirqueira

Novembro é conhecido como o mês da consciência negra no Brasil. Apesar do ponto alto da celebração coincidir com o dia da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares - 20 de Novembro - a Universidade Federal da Bahia (UFBA) reforça, a cada ano, as ações afirmativas alusivas à reflexão sobre a identidade e a inserção educacional do povo negro, questões que ainda são objeto de debate, 125 anos após o fim da escravidão.

A UFBA conta com espaços que têm como objetivo a promoção, divulgação e reafirmação da cultura negra brasileira: o Centro Acadêmico de Estudos Afro-Orientais (CEAO), órgão complementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, que gere o CEAURO - Programa de Educação para a Igualdade Racial e de Gênero e MAURO (Museu Afro-Brasileiro).

Para o professor e antropólogo Cláudio Pereira, coordenador do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), a identidade afro-brasileira está em constante mudança de acordo com o tempo e realidades sociais, o que reforça a necessidade da recriação de novas políticas afirmativas. "Parte dessas políticas são reparatórias e visam compensar o débito que o Brasil tem com a população africana e seus descendentes. Há um progressivo deslocamento social dessas populações e uma série de indicadores sociais que nos dizem que as coisas estão melhores do que no passado, mas isso não quer dizer que não se possa melhorar ainda mais", opina. Fundado em 1959, o CEAO é voltado para o estudo, pesquisa e ação comunitária na área dos estudos afro-brasileiros, das ações afirmativas em favor das populações afro-descendentes e dos estudos das línguas e civilizações africanas e asiáticas. Uma das linhas do centro está voltada para inclusão educacional, acesso e permanência de estudantes negros na universidade.

Inclusão Educacional

O Programa Preparatório para a Promoção da Igualdade Étnico-Racial na Educação, desenvolvido pela UFBA em parceria com o Ministério da Educação (MEC), incentiva a permanência de es-

tudantes ingressos na instituição via sistema de cotas - em vigor desde 2005 - através de apoio financeiro, aulas de língua estrangeira, informática e produção de textos.

“

“O sistema de cotas é uma conquista”

Jéssica Alves, estudante de enfermagem da UFBA

”

Atualmente, 36,55% das vagas do vestibular são destinadas a candidatos que tenham cursado o ensino médio em escolas da rede pública e se declarem pretos ou pardos. Para Pereira, apenas as cotas não garantem por si a permanência de estudantes na universidade. “A principal crítica ao sistema de cotas é que ele privilegiaria um grupo de pessoas a entrar na universidade pública, sem

cogitar que poderia ser algo que geraria um equilíbrio social e acadêmico. Os programas do CEAO são respostas a esse tipo de pensamento”.

Ao contrário, para o professor as cotas atingem os menos privilegiados “já que é muito difícil a manutenção deles dentro da universidade, principalmente pela falta de recursos financeiros para adquirir os materiais exigidos, se locomover e morar fora de casa”, destaca. Eduardo Borges, estudante cotista de odontologia da UFBA, acredita que medidas afirmativas como o sistema de cotas ajudam no reconhecimento e identificação de estudantes negros dentro da universidade. “Acho de extrema importância que, em um ambiente dominado pela cultura europeia, estudantes negros como eu consigam aos poucos adentrar e conquistar seu lugar na universidade por via das cotas e do Reuni”, defende, fazendo referência ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).



Cláudio Pereira
Coordenador do CEAO

Taylla de Paula | LabFoto

Na mesma linha, Jéssica Alves, estudante de enfermagem da UFBA, comenta que a principal satisfação é poder se reconhecer entre os colegas, boa parte, negros e vindos de colégios públicos. “O sistema de cotas é uma conquista, mas o preconceito dentro da UFBA existe e deve ser combatido. O assunto ainda é pouco discutido em sala de aula e o diálogo entre os alunos e a universidade sobre as necessidades dos negros e cotistas ainda não é o desejado”, reclama.

Dia da Consciência Negra na Facom

O Centro Acadêmico Vladimir Herzog, da Faculdade de Comunicação (Facom), em parceria com a Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) – Memória Social: audiovisual e identidades, realizaram a exibição dos documentários “Acupe – Terra Quente”, do professor José Roberto Severino, e “Quilombo.doc”, da produtora cultural Geise Oliveira, no dia 20 de novembro, no auditório da Facom, dentro do projeto CineFacom – Mostra Audiovisual dos Estudantes da UFBA. Durante a conversa pós-exibição dos vídeos, Geise Oliveira comentou sobre a edição especial do Cine Facom. “É preciso pensar em mais ações para a Facom relacionadas ao debate sobre a Consciência Negra, tão pouco discutida aqui. Este estímulo não tem que partir só da faculdade, mas de seus alunos também”, defendeu.

A estudante de produção cultural e militante do movimento negro Tamara Terso ressaltou a importância de discutir estratégias de combate ao racismo por meio da produção de conhecimento. “É importante pensar que, para nós negros, a relação individual está ligada a um pensamento coletivo, a uma identidade coletiva, que precisa ser preservada e resgatada a cada momento. Hoje celebramos o 20 de novembro com uma diretoria [acadêmica] majoritariamente negra, com novas turmas formadas, em sua maioria, por estudantes de escolas públicas. Não podemos esperar que a transformação aconteça só de fora para dentro, nós alunos também devemos pressionar as autoridades para gerar mudanças”, reclamou Tamara.

Quilombolas

Baseado no diálogo entre universidade, escolas públicas e organizações do movimento negro da Bahia, o Ceafro é um dos programas do CEAO com o intuito de promover a igualdade racial e de gênero. Além de trabalhar pela mobilização contra o racismo e opressão através de medidas educativas, o Ceafro enfrenta um desafio a mais, o reconhecimento social em prol da memória cultural de comunidades quilombolas. As ações são desenvol-

Como missão
s de matriz
n, o incentivo
m espaço de
de aplicação
uras africanas



Maria das Graças Teixeira
coordenadora do MAFRO

vidas em quilombos urbanos de Salvador e Região Metropolitana, através dos projetos “Trocas Quilombolas; Gestão Social: Fortalecendo Quilombos da Bahia” e “Tradição em Movimento”. Este último visa o protagonismo juvenil e empoderamento de mulheres negras em seus bairros.

Identidade Cultural

A UFBA trabalha com um programa de cooperação cultural entre Brasil e países africanos para o desenvolvimento de estudos culturais e preservação da memória do povo negro. Com um acervo de 1192 peças, o Museu Afro-brasileiro (Mafro), inaugurado em 1982, é um dos principais representantes dessa iniciativa na Bahia. De acordo com a museóloga e coordenadora da instituição, Maria das Graças Teixeira, a proposta do Mafro é promover a interação entre populações brasileiras e africanas através da arte. “O museu é um dos poucos na Bahia que nasce de um projeto da administração central de uma universidade, a partir das ideias de vários intelectuais da época, como Pierre Verger e Jacira Oswald, a primeira museóloga a vir ao Estado. Representamos um espaço identitário de reconhecimento do que é ser negro entre populações afrodescendentes, já que por conta de toda nossa trajetória histórica, por muito tempo foi doloroso se reconhecer como um”.

As obras do museu, adquiridas em parcerias com organizações representantes do movimento negro na Bahia e continente africano, se dividem em dois eixos temáticos: um, sobre a cultura mate-

rial africana - formada por objetos oriundos de manifestações culturais e religiosas de países como Congo, Golfo, Benim, Angola e Moçambique - e outro, da cultura material brasileira, com coleções sobre a história da capoeira, carnaval baiano (artefatos e tecidos doados por blocos e afoxés como Ilê Ayê, Olodum e Cortejo Afro), artes plásticas (obras dos artistas Carybé e Pierre Verger) e religiosidade, com artefatos e esculturas do candomblé. “Para nós o que importa é a história, o fazer ancestral, por trás dos objetos e dos atores que participaram da sua criação, para que a sociedade em geral, independente de sua crença ou religião, entenda que os artefatos que veem aqui tem uma história”, conclui a coordenadora.

A UFBA conta hoje com três espaços que têm como objetivo a promoção, divulgação e reafirmação da cultura negra brasileira: o CEAO, o CEA Afro e o Mafro. O Centro Acadêmico de Estudos Afro-Orientais (CEAO) é um órgão suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA que além de acolher o CEA Afro e Museu Afro-brasileiro, é integrado pela Biblioteca do CEAO, Livraria Afro-Oriental - gerida pela Editora da UFBA -, o Núcleo de Educação para a Cidadania, o Núcleo Administrativo, de Pesquisa e de Extensão, o Auditório Agostinho Silva e o programa PosAfro.

Cinema, filosofia e extensão

O projeto Cinema e Contemporaneidade do Pet Filosofia chega a sua 7ª temporada

Vilma Martins

Thais Ribeiro

Cinema também educa. É o que pensa o grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Filosofia, que há sete anos organiza o evento Ciclo de Cinema e Contemporaneidade, proporcionando aos amantes da sétima arte seções onde são exibidos filmes clássicos e contemporâneos seguidos de um debate com um especialista. Criado em 2007 como projeto de extensão universitária, pretende divulgar temas filosóficos para o público não especializado a partir da conexão com o cinema.

O evento acontece a cada dois meses na Sala Orlando Silva, na Biblioteca Pública dos Barris, em Salvador. Inicialmente realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, posterior-

mente na livraria LDM, no Centro de Salvador, hoje o evento é realizado na Biblioteca Pública.

A atividade também visa apresentar o grupo PET Filosofia à comunidade acadêmica externa, e também estabelecer integração com outros grupos PET. Como coloca o professor Genildo Ferreira, tutor do PET, “esta é uma abordagem que vários grupos PET têm colocado em prática, usando o cinema como um importante instrumento didático e de difusão do saber e de reflexão”, afirmou.

Cinema em debate

O evento tem grande importância não só para os alunos de Filosofia, mas também para a comunidade UFBA, pelo seu caráter lúdico e não rigorosa-

mente filosófico e acadêmico, comenta Bruno Silva aluno do PET Filosofia.

Já Cristian Arão, também aluno do PET, gosta da ideia de relacionar o cinema com temas filosóficos. “O ponto que acho mais interessante no evento é a capacidade de relacionar o cinema com a filosofia, abordando temas que muitas vezes podem parecer muito distantes da realidade; o evento suscita um interesse e uma reflexão sobre os temas discutidos”, manifestou.

Professor da UFBA integra Academia Mundial de Ciências

Mariana Trindade

Marília Campos

Professor do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA (ISC), médico, mestre em Saúde Comunitária e Ph.D. em Epidemiologia, Maurício Barreto, foi recentemente eleito como membro da The World Academy of Science (TWAS). Em entrevista ao Jornal da Facom, Barreto fala de sua pesquisa sobre doenças infecciosas, o cenário da saúde pública do Brasil e sua entrada na Academia Mundial de Ciências.

JF: Suas pesquisas voltadas para doenças infecciosas já evidenciaram resultados palpáveis na sociedade? As pesquisas se tornam políticas públicas?

Maurício Barreto: A relação entre pesquisa e seus efeitos não é uma coisa simples. Mas há um bom exemplo de impactos mais visíveis e imediatos. Nós e outros grupos de pesquisa tínhamos dúvidas se a revacinação da BCG na idade escolar amplificaria o efeito da vacina e protegeria as crianças da tuberculose, então propusemos ao Ministério da Saúde um estudo, feito em Salvador e Manaus, com mais de 300 mil crianças. Nosso trabalho mostrava que esse reforço não funcionava, o que levou o Brasil e outros países a desativar o programa de revacinação.

JF: O que a sua entrada na TWAS pode refletir na discussão sobre saúde pública brasileira? Poderá haver parcerias entre a UFBA e essa instituição?

MB: Dentre os campos consolidados da ciência, a epidemiologia é a menos reconhecida e a entrada na Academia dá voz a essa área dentro das ciências contemporâneas. Ser um membro sinaliza as atividades científicas locais, então é um destaque pessoal, mas também de todo um programa científico da instituição local. E uma parceria entre a UFBA e a TWAS não é possível. A nomeação é pessoal, eu não represento a UFBA na Academia.

JF: Que atividades exercerá como membro da TWAS?

MB: Ser membro é ter um título, é um reconhecimento. Você tem algumas obrigações morais: seguir padrões científicos de alto nível, contribuir com desenvolvimento científico, com a difusão da ciência, com o treinamento de novas gerações.

Prêmio gera obrigações morais, diz Maurício Barreto, do ISC



Maurício Barreto | Arquivo Pessoal

Após gestão inadimplente, cantina da Facom terá novo administrador

Problemas deixaram a Faculdade de Comunicação sem cantina por quase um semestre

Carolina Arosa

Layla Neiva

Após quase um semestre sem cantina, a Facom terá novo gestor para o espaço. O administrador da cantina da Faculdade de Biologia, Edson Ribeiro, é o licitante vitorioso do último processo seletivo. Esperando apenas o término da reforma que está acontecendo no local e os trâmites de assinatura do contrato para começar as atividades, o novo cantineiro afirma que “os mesmos serviços que são oferecidos na cantina de Biologia serão disponibilizados na Facom, como a venda de lanches e almoços”.

Depois de ter passado por problemas relacionados à falta de pagamento do aluguel destinado ao espaço da cantina, a Facom, através da Superintendência de Administração (SAD), abriu um novo processo licitatório, no qual apenas pessoas jurídicas poderiam entrar na disputa. O novo gestor ganhou a concorrência com o aluguel no valor de R\$ 3.500.

Período de inadimplência

Com apenas três meses de gestão, o último administrador da cantina da Facom foi obrigado a se retirar por falta de pagamento. Sem nunca ter quitado as prestações do aluguel, no valor de R\$ 8.870, Eleilson dos Anjos teve seu contrato rescindido.

Além desse problema administrativo, a gestão da cantina gerou insatisfações durante o pouco tempo em que ficou na Faculdade. Alunos e funcionários também foram prejudicados com aumentos nos preços e queda na qualidade e variedade dos produtos da cantina. “Ter uma cantina organizada é importante, desse jeito estamos ficando sem lanchar até a hora de ir embora. Está muito ruim”, conta a vigilante da Facom, Rosaline Souza, que se queixa do período de gestão de Eleilson e da falta que faz não ter uma lanchonete no local de trabalho. O aumento do preço dos lanches estava relacionado ao altíssimo valor de aluguel proposto pelo gestor daquele momento.

Para assumir as cantinas da Universidade, as unidades passam por um processo de licitação em que os candidatos a cantineiros devem oferecer o valor a ser pago pelo aluguel do espaço. O lance inicial para a licitação do gestor devedor era de



Sem cantina na FACOM, estudantes frequentam outros estabelecimentos na universidade

R\$ 1.197,00 - preço estipulado pelo cálculo feito de acordo com a medição do espaço. Giovandro Ferreira, diretor da faculdade na época do último processo, estava ciente de que poderia ser vítima de calote. “A Facom alertou a UFBA sobre os altos valores propostos pelo novo gestor. Estenderam o prazo da antiga cantina, mas o licitante vitorioso recorreu”, conta o professor. Sob o amparo da lei, o licitante vitorioso conseguiu comprovar como faria para sustentar o negócio, o que possibilitou que tomasse posse em maio do ano passado. Apenas três meses depois, a dívida de Eleilson dos Anjos era superior a R\$ 34 mil.

Providências tomadas

Para evitar que problemas como o anterior se repetam, a SAD tomou providências. “Estamos acom-

panhando, cobrando e comunicando aos dirigentes das unidades sobre possíveis irregularidades. Ter a exigência de que só pessoas jurídicas podem concorrer a administração dos espaços dificulta golpes como esse que aconteceu na Facom”, relata Zezé Rodrigues, superintendente da SAD.

Diante a perspectiva de voltar a ter uma cantina organizada e que funcione bem, alunos da Facom estão ansiosos com o início do funcionamento do estabelecimento. “Gosto dos produtos da cantina de Biologia, eles vendem até lanches naturais. Espero que aqui na Facom o padrão seja o mesmo. Já passou da hora de voltarmos a ter uma cantina de verdade”, conta a estudante de Jornalismo Naiana Ribeiro.

O curso de Jornalismo da UFBA obteve nota máxima no ENADE

Prova avalia conhecimentos dos alunos

Suely Alves
Danilo Pestana

Na avaliação do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) em 2012, o curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA) ganhou nota máxima, ficando entre os melhores do país. Dos 10 cursos da UFBA, apenas dois tiveram o máximo conceito: Administração (campus de Barreiras) e Jornalismo. O exame avaliou o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial.

469.478 estudantes concluintes de cursos superiores de graduação fizeram a prova

Segundo o Ministério da Educação (MEC) o conceito ENADE – que classifica notas de 1 até 5 – é obtido a partir dos resultados do exame aplicado aos estudantes e é um dos indicadores de qualidade da educação superior, que também leva em consideração o corpo docente e infraestrutura da instituição. As notas a partir de 3 são consideradas satisfatórias. Tanto os cursos das instituições públicas quanto das privadas tiveram melhores notas que na avaliação anterior.

Nos últimos anos vem se registrando um aumento na qualidade do ensino superior. Nas universidades públicas, os cursos com conceito máximo – nota 5 – passaram de 4,3% em 2009, para 17% em 2012. Os cursos com nota 4 passaram de 24,5% para 29,8%.

Nas privadas, o índice passou de 0,4% dos cursos com conceito 5 em 2009, para 3,5% em 2012; já os de nota 4 passaram de 7,1% para 17,3%.

Nem tudo são flores

Apesar da nota máxima, ouve-se das salas de aulas aos corredores da faculdade várias insatisfações dos professores, alunos e servidores. Para Vander Batista, aluno do sétimo semestre do curso de jornalismo, “as disciplinas teóricas, especialmente as obrigatórias, realmente são boas. No

entanto, não é o que a gente vê nas disciplinas práticas, as oficinas, onde não se conta ainda com uma estrutura adequada”. Como a avaliação do ENADE não avalia o saber prático, Vander argumenta que, por conta disso, os alunos da FACOM podem ter se destacado.

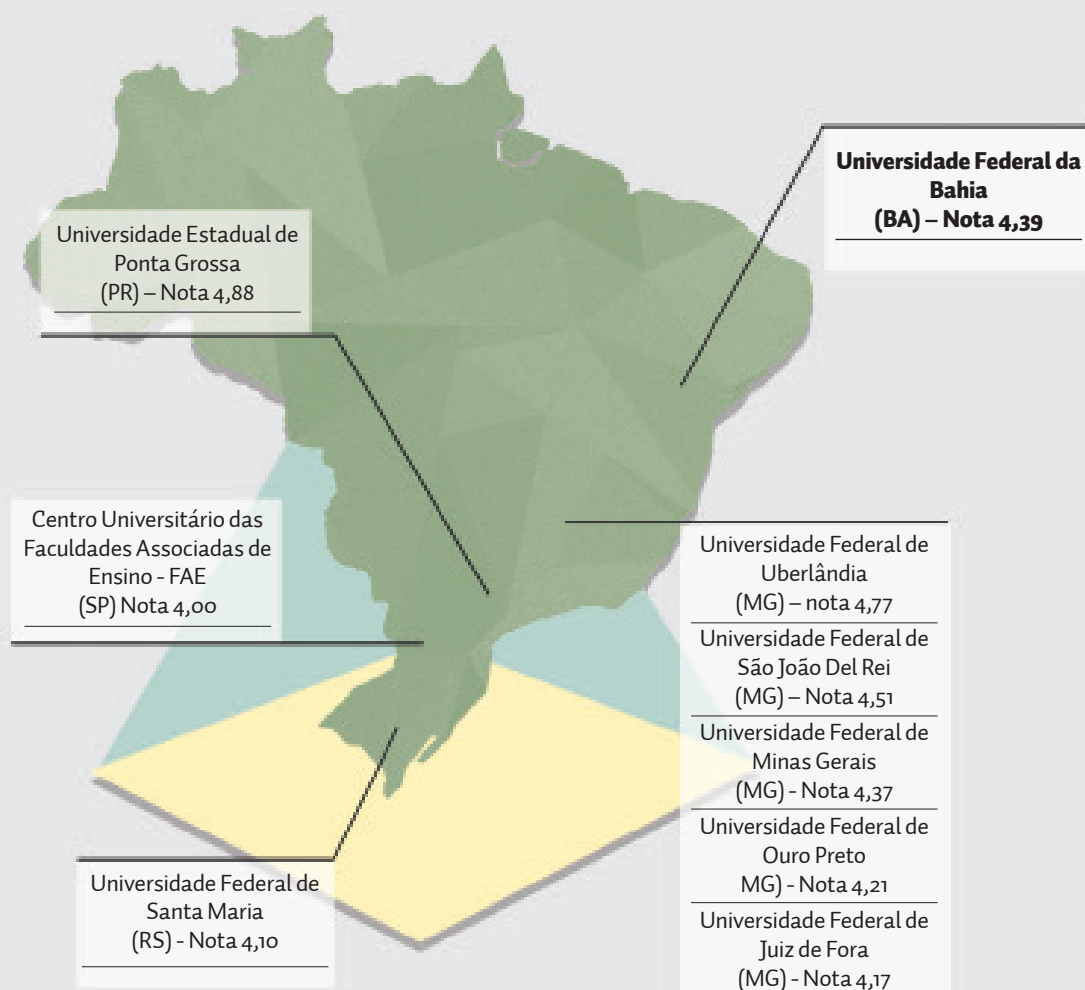
Através da sua conta no Twitter, o professor da disciplina Comunicação e Tecnologia, André Lemos, deu a entender que ainda há o que melhorar: “Curso de jornalismo da FACOM/UFBA tem nota 5 no ENADE. Estamos todos de parabéns. Isso é bom, mas é só isso, bom!”.

O exame foi aplicado em 7.228 cursos de 1.646 instituições de ensino superior em todas as áreas do conhecimento

Para o professor Leonardo Costa, atual coordenador do Colegiado de Comunicação da FACOM, o trabalho precisa continuar. “Não é só porque temos a nota 5 e estamos entre os melhores do Brasil que a gente deve com isso, por si só, achar que está tudo maravilhoso. Estamos reformando o projeto pedagógico, de acordo com as novas diretrizes dos cursos de Jornalismo que foram aprovadas em âmbito nacional. Então a gente tem como melhorar e continuar esse processo”.

“Eu gostaria muito que alguém me apontasse uma universidade que não tem problema” opina a professora Malu Fontes. “A prova do ENADE mede conhecimento do aluno em torno do curso. Eu não tenho o mínimo de pudor em dizer que é mérito do aluno”, conclui.

Top 10 – Cursos de Jornalismo de Instituições Públicas com conceito 5*



* o MEC considera nota 5 cursos com notas acima de 4,0

Processo eleitoral para diretor do Hospital das Clínicas é considerado nulo

Diretor eleito do complexo HUPES, o professor José Tavares Neto tem posse anulada pela Procuradoria Geral

Bruno Rubeiz
MarianaSales

A Procuradoria Geral Federal liberou no último dia 21 de novembro o parecer 1.076/2013, declarando a nulidade da eleição para diretor do Hospital das Clínicas por desrespeito ao Regimento Interno do hospital. De acordo com o documento, a chapa eleita, composta pelos professores José Tavares e Ana Borja, não poderia ser legitimada, já que haveria uma divergência entre as normas do processo eleitoral e o Regimento Interno do hospital. Tavares não poderia assumir a direção, pois não possui curso em gestão hospitalar, pré-requisito para a função.

O parecer afirma que o regimento do hospital "sofreu alteração maliciosa e intencional pela Comissão Eleitoral, designada pelo Conselho Gestor do Complexo-HUPES". Entretanto, em um manifesto divulgado à comunidade acadêmica, o professor Tavares declara que a Comissão Eleitoral foi designada pela Direção Geral do Hospital (e não pelo Conselho Gestor, instância de decisão máxima do hospital) sob o consentimento da Procuradoria Federal.

O professor ressalta que as alterações nas normas do processo eleitoral "foram aprovadas por unanimidade pelo Conselho Gestor em 15 de agosto de 2013, e até encerramento das inscrições dos candidatos (20 de setembro), foram amplamente divulgadas por mais de 30 dias", e que nenhum questionamento foi feito durante o período. Ainda no manifesto, o professor reitera que o "suposto conflito entre normas vs. Regimento Interno foi introduzido antes da atual composição da Comissão Eleitoral".

Contradições

Antônio Carlos Lemos, candidato da oposição, defende que a alteração nas normas do Regimento foi feita visando favorecer a candidatura de Tavares. "Houve uma modificação no artigo nove do regimento do hospital, que é muito claro quando diz que para ser diretor do complexo HUPES se deve ter o curso de gestão hospitalar (...) Isso foi feito propositalmente pela Comissão Eleitoral, muito

manipulada. Parte do Conselho Gestor, que deveria zelar pelo regimento, votou a favor da ilegalidade. Evidentemente que a Procuradoria Jurídica, zelando pelas normas, decidiu opinar por ela" afirma Lemos.

Duas denúncias haviam sido feitas sobre a alteração das normas, dias antes da eleição. No dia 21 de outubro a servidora da UFBA, Edna Lúcia Souza, denunciou à Procuradoria que a "consulta à comunidade do Complexo HUPES para a escolha de seu Diretor estaria viciada". Além disso, em 8 de outubro, o servidor Giancarlo Damiani Vasques solicitou que os candidatos divulgassem seus currículos. Porém esses currículos só foram disponibilizados uma semana depois.

Movimentação estudantil

Enquanto isso, na primeira semana de dezembro, integrantes do Diretório Acadêmico do curso de

medicina (DAMED) realizaram uma reunião junto a alguns professores a fim de explicar para os alunos a situação. Neste encontro, foram debatidas maneiras de articular mobilizações para pressionar a reitoria a favor da não anulação das eleições. O professor Lemos, entretanto acredita que há uma influência partidária muito forte no D.A. de medicina. "Essa manifestação dos estudantes é cega", defende.

As eleições para diretor foram realizadas nos dias 29 e 30 de outubro. As duas chapas concorrentes já haviam sido aprovadas pelo Conselho Gestor. O processo, que se iniciou em janeiro do ano passado, contou com a participação dos membros da comunidade do hospital e elegeu José Tavares e Ana Borja com mais de 70% dos votos.



Antonio Carlos Lemos



José Tavares a esquerda com criança

Pedalar virou politicamente correto, economicamente viável e ambientalmente limpo.

Estudantes da UFBA tem optado pela bicicleta para chegar até a universidade

Diogo Costa
Natália Arjones

Utilizar o transporte público ou um carro particular para se locomover em Salvador é uma tarefa que requer paciência e cuidados. A superlotação dos ônibus e os constantes engarrafamentos na capital da Bahia tem feito cada vez mais com que os baianos busquem outras alternativas para chegar aos seus destinos. Aos poucos, a bicicleta tem sido incorporada na rotina urbana de Salvador como alternativa para diminuir o fluxo do trânsito na cidade, cada vez mais engarrafada. Pedalar virou tendência e necessidade.

Cada vez mais presente nas ruas, a bike também tem conquistando o gosto dos estudantes da UFBA. E ela foi a solução encontrada por André Oliveira, estudante de Produção Cultural, para driblar o trânsito e chegar até a universidade. Residente do bairro da Barra, Oliveira, que antes usava a bicicleta apenas nos momentos de lazer, passou a utilizá-la como principal meio de transporte para chegar a faculdade.

“Aprendi a andar de bicicleta com seis anos. Usava a bike só por lazer. A partir do momento que tive acesso ao projeto do Banco Itaú em parceria com a prefeitura de Salvador [Salvador vai de Bike], passei a usá-la como meio de transporte. Saio da faculdade de Busufba até a praça do Campo Grande, onde pego uma bike até a [Praça] Castro Alves. Concluo o percurso voltando da Castro Alves até o bairro Jardim Apipema de bike”, disse.

Assim como André Oliveira, pedalar até a universidade também foi a solução escolhida por Camilo Fróes, estudante de Ciências Contábeis. Ele trocou os ônibus e o carro pela bicicleta após perceber que o tempo que gastava no engarrafamento era superior ao tempo que levava para fazer o mesmo trajeto pedalando. A bike deixou de ser um hobby para ser o seu principal meio de transporte para distâncias curtas. “Para mim não é um hobby. Alguns amigos gostam de sair para ‘dar uma pedalada’ e usar a bicicleta como uma atividade. Eu uso a bicicleta para ir a compromissos, ir à faculdade ou para fazer alguma outra coisa”, contou o estudante, que passou a observar a cidade com outros olhos após trocar os veículos motorizados pela bicicleta.

Para registrar esse contato, Fróes criou o blog Tração Animal, diário de um ciclista soteropolitano que conta suas experiências diárias e reflexões sobre sua cidade, além das dificuldades desse meio de transporte alternativo. “Falta mesmo é informação, tanto para o ciclista, quanto para o motorista, como para a polícia e para a Transalvador sobre as leis de trânsito, que incluem bicicletas e pedestres”. Para o ciclista, o uso de equipamentos de segurança é essencial. “Tem que usar capacete, óculos, luvas e refletores na bike”, completa.

Mesmo sem ciclovias dentro dos campi da UFBA, a pedalada até a universidade já é considerada como atividade física do dia, diz André Oliveira. “Além de tudo, a bicicleta também funciona como atividade física e lazer”. Pensamento do qual também compartilha Camilo Fróes. “Minha perna está muito mais forte do que no ano passado. Tem calça que não cabe” diz, sorrindo.

Segundo a Abraciclo (Associação Brasileira dos Fabricantes de Bicicleta), o Brasil tem uma frota de 70 milhões de bicicletas, uma para cada três habitantes. No entanto, o uso da bicicleta como solução para o trânsito nas cidades grandes enfrenta

mais uma barreira: a cultura da comodidade. “O ciclismo urbano é uma novidade para a classe média. Aquela parte da classe média que resolveu trocar um pouco do conforto absoluto por eficiência e economia”, ressalta Camilo. Em Salvador os ciclistas já se reúnem e promovem eventos. A Massa Crítica, ou Bicicletada, é aberto a todos aqueles que estejam a fim de articular coletivamente estratégias para divulgar, estimular e promover as condições necessárias para o uso da bicicleta como meio de transporte. A cidade precisa de ciclistas e os ciclistas precisam da cidade. “Você entra em contato com a rua de forma mais direta. Se interessa por ela, sente o cheiro dela, observa pequenos detalhes. O uso da bicicleta me transformou num cidadão mais interessado pelo espaço onde vivo”, conclui Camilo.

“Você entra em contato com a rua de forma mais direta. Se interessa por ela, sente o cheiro dela, observa pequenos detalhes. O uso da bicicleta me transformou num cidadão mais interessado pelo espaço onde vivo”



David Campbell, Francesco Morotti e Gabriel Cesar, estudantes da UFBA e moradores do Rio Vermelho

Foto: Natália Arjones

A UFBA no Parque Tecnológico

Projeto UFBA/Fraunhofer desenvolve soluções na área de TI



“Os projetos terão a participação de alunos da UFBA, o que vai ampliar ainda mais a formação dos estudantes”

Marcelo Embiruçu, Pró-Reitor de Pesquisa, Criação e Inovação

Anderson Ramos

A UFBA é uma das instituições que fazem parte do Parque Tecnológico da Bahia. A parceria entre a empresa de pesquisa alemã Fraunhofer, a universidade pública e a iniciativa privada visa estimular o desenvolvimento de soluções inovadoras de software para a indústria brasileira.

O complexo do Parque Tecnológico localizado na Avenida Paralela é um local onde o poder público, a academia e o setor empresarial se unem para o desenvolvimento de projetos e pesquisas que possam contribuir para o crescimento da região, nas áreas de biotecnologia, saúde, tecnologia da informação e da comunicação, energia e engenharias.

A parceria UFBA/Fraunhofer é apenas o primeiro projeto da universidade para o Parque. De acordo com o Pró-Reitor de Pesquisa, Criação e Inovação da UFBA, Marcelo Embiruçu, a universidade tem atualmente cinco projetos e ante-projetos para o Parque Tecnológico, nas áreas de energia, biotecnologia, saúde e TI. “Esperamos que todos estejam em operação até o ano de 2015”, informa o Pró-Reitor.

Ainda de acordo com Embiruçu, os projetos terão a participação de alunos da UFBA, o que vai ampliar ainda mais a formação dos estudantes, além de trazer projetos inovadores para a região. As equipes que trabalham no Parque já estão definidas e são formadas por docentes e técnicos, além dos estudantes.

Parcerias

A primeira etapa de implantação do Parque Tecnológico da Bahia, chamado de Tecnocentro, teve

custo de R\$ 53 milhões e foi inaugurado em setembro de 2012 pelo Governo do Estado e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI). Atualmente o Tecnocentro conta com 26 empresas e instituições de pesquisa, entre elas, IBM, Portugal Telecom, Ericsson Inovação, Jusbrasil, Softwell, Lsitec, ZCR, Cetene, Unicamp, Unigel, Prodeb e IFBA, com cerca de 450 profissionais empregados. A segunda etapa do complexo já está garantida pelo governo estadual, com um investimento de R\$ 59 milhões e previsão para o início das atividades no final de 2014.

Segundo o secretário da Secretaria de Ciência e Tecnologia (SECTI), Paulo Câmara, os projetos que são originários do Parque apresentam um cenário muito animador. Já foram desenvolvidos projetos inovadores, como um aparelho que detecta os tremores do mal de Parkinson, um que viabiliza levar a banda larga para áreas rurais e o programa que lê textos para usuários com deficiência visual por meio de voz.

“O Parque Tecnológico da Bahia possui apenas um ano de inaugurado, mas, apesar do pouco tempo, já é percebido por empresas e universidades como referência quando se fala em inovação e pesquisa aplicada no Estado da Bahia”, afirma o secretário.

Câmara ainda reforça a importância do Parque nos aspectos econômico e tecnológicos. “As possibilidades de inserção competitiva dos setores produtivos em mercados globalizados, com sua forte concorrência, está ligado à presença de uma base empresarial capacitada para poder inovar continuamente seus produtos e processos de produção e

gestão”, afirma. De acordo com o secretário, a capacidade de inovação está relacionada à existência de uma articulação adequada entre os grandes consumidores de tecnologia, – as grandes empresas – e quem oferta estas soluções em tecnologia”, opina. “Nesse sentido, a SECTI, através do Parque Tecnológico da Bahia, se porta como um dos elementos desta articulação entre as instituições que compõem o sistema regional de inovação. A secretaria tem papel decisivo no seu fortalecimento e consequente estímulo a competitividade no mercado”, finaliza.

Projetos da UFBA em fase de implementação:

- Centro de Tecnologia em Energia e Campos Maduros, na área de energia.

Ante-projetos a serem implementados até 2015

Centro Laboratorial Multiusuário de Biotecnologia Aplicada

Centro Laboratorial Multiusuário de Materiais Avançados, na área de biotecnologia

Centro de Ciências e Inovações Tecnológicas Aplicadas à Saúde

Centro Multiusuário em Tecnologias de Informação, Comunicação e Industrial

Último suspiro

Vestibular da UFBA chega ao fim

Antonio Fernando Barros

Tendo acompanhado gerações de estudantes, o vestibular da UFBA deu seu último suspiro no dia 26 de junho de 2013. Conforme publicado em resolução do Conselho Acadêmico de Ensino, o tradicional processo seletivo cede lugar ao desempenho obtido no Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, como forma de ingresso na universidade. Independentemente de se vai fazer falta ou se já tinha rendido tudo que podia oferecer, a verdade é que quem passou pelo vestibular tem muitas histórias para contar. Conversamos com pessoas que conviveram com ele e recordam aqui algumas experiências.

O vestibular ocupou o imaginário e a vida estudantil de jovens de escolas particulares e públicas em todo o Brasil. Atire a primeira pedra aquele que nunca perdeu o sono por sua causa. A experiência de fazer as provas gerava grande expectativa para passar pelo filtro da primeira fase com suas questões objetivas de múltipla escolha e, posteriormente, pelo mata-mata da segunda fase, com questões subjetivas. Uma espécie de Super Mário da vida real. “Antes das provas, a ansiedade era tamanha

que eu mal conseguia dormir, mas era preciso esquecer as adversidades e focar na oportunidade única de prestar um vestibular tão concorrido”, recorda Vitor Lima, estudante de História da UFBA.

Noites em claro para conseguir revisar as provas de anos anteriores e tentar entender o jeito UFBA de formular as questões e calcular o peso atribuído a cada uma envolviam o universo do vestibular. Aquela história de um erro, menos tantos pontos; dois erros, menos tantos outros pontos, expressos nos manuais do candidato e nos cadernos de instruções (quem foi mesmo o maluco que inventou este cálculo?), acionava uma experiência particular entre os estudantes. “Cada ponto nas provas da UFBA era decisivo. A maioria dos candidatos ficava confusa em relação ao cálculo, pois o peso variava conforme o curso”, lembra a estudan-

O vestibular ocupou o imaginário e a vida estudantil de jovens de escolas particulares e públicas em todo o Brasil.

te da Faculdade de Arquitetura Thalita Amorim.

Com fama de ser mais elaborado que outros processos seletivos, o vestibular tinha certo ego inflado, alimentado por muitos que mal conseguiam disfarçar o prazer em dizer “passei no vestibular da Federal”. Para o estudante de Biologia Caio Carvalho, “havia um imaginário coletivo de que as provas eram difíceis, criteriosas, e, por isso, as pessoas se empenhavam mais”, opina. Cursando Jornalismo na Facom, Sara Régis endossa o coro: “o estudante que deseja ingressar na universidade deve saber se expressar através da escrita, por isso achava necessária a fase escrita do vestibular da UFBA”, pontua.

E para você foi bom ou ruim? A universidade ganha ou perde com o fim do vestibular? O ENEM será uma melhor forma de seleção? São questões que extrapolam os limites deste espaço. Fica para cada um o exercício de pensar sobre elas e encontrar seus próprios caminhos. Visto em muitos momentos como um mal necessário e pelo qual tanta gente arrancou os cabelos, vestibular da UFBA, querido, descanse em paz!

